

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO: PROPOSTAS E PRÁTICAS



Karina de Araújo Dias
(Organizadora)



EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO: PROPOSTAS E PRÁTICAS



Karina de Araújo Dias
(Organizadora)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abraão Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação em tempos de pandemia e isolamento: propostas e práticas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Karina de Araújo Dias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação em tempos de pandemia e isolamento: propostas e práticas / Organizadora Karina de Araújo Dias. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-716-1
DOI 10.22533/at.ed.161210801

1. Educação. 2. Pandemia. 3. Isolamento. I. Dias, Karina de Araújo (Organizadora). II. Título.
CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A coletânea de trabalhos intitulada, “Educação em Tempos de Pandemia e Isolamento: Propostas e Práticas” vêm consolidar a relevância da reflexão sobre as práticas pedagógicas e proposituras em torno da educação no contexto da pandemia da COVID – 19. Em razão das medidas de isolamento social, como uma das estratégias para minimizar o contágio e que culminaram com o fechamento das instituições de ensino, os processos educativos sofreram transformações de cunho metodológico e logístico de modo a atender as novas demandas do ensino não presencial. Nesse sentido, as aulas remotas, o ensino híbrido, a educação a distância, o uso das plataformas digitais e demais ferramentas tecnológicas tomaram à frente, traduzindo novos modos de ensinar e aprender.

Nesse volume, composto por três eixos e totalizando dezesseis artigos, é possível observar a capilaridade com que investigações com esse teor se materializam em variados âmbitos e abordagens teórico-metodológicas.

O primeiro eixo *O LUGAR DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19* apresenta experiências de educação a distância como alternativas aos desafios atribuídos pelo isolamento social.

Em sequência, o eixo *OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL* identifica vivências pedagógicas que colocam em tela o ensino remoto e híbrido em distintas etapas da escolarização e os desafios que essa estratégia impõe aos educadores.

Por fim, o terceiro eixo intitulado *OS EFEITOS DO CONTEXTO PANDÊMICO NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS* exhibe resultados de estudos que têm, como eixo comum, a reflexão sobre as novas demandas educacionais produzidas pela pandemia da COVID-19.

Os trabalhos que contemplam essa discussão contribuem para repensar a educação e o seu grande valor, bem como as distintas estratégias formuladas pelos educadores, em termos de propostas e práticas, de modo a promover percursos formativos inovadores, incorporando as novas tecnologias como forma de estreitar as distâncias impostas pelo isolamento social.

Cabe destacar a qualidade e a abrangência das temáticas eleitas pelos pesquisadores que compõe essa coletânea.

Desejo que apreciem a leitura.

Karina de Araújo Dias

SUMÁRIO

I. O LUGAR DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

CAPÍTULO 1..... 1

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O PROTAGONISMO NA RELAÇÃO ENSINO E APRENDIZAGEM A PARTIR DA REALIDADE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CUIABÁ-MT

Bernadeth Luiza da Silva e Lima

Silvia Maria dos Santos Stering

DOI 10.22533/at.ed.1612108011

CAPÍTULO 2..... 15

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA COMO FERRAMENTA DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES E ALAVANCAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Jailza do Nascimento Tomaz Andrade

Michele Lins Aracaty e Silva

DOI 10.22533/at.ed.1612108012

CAPÍTULO 3..... 29

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA ERA COVID-19: POSSIBILIDADES, LIMITAÇÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS. PROCESSOS PEDAGÓGICOS EM TEMPOS DE PANDEMIA ESCOLA DA UNIDADE DE INTERNAÇÃO DO RECANTO DAS EMAS – UNIRE – DF

Claudia Candida de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.1612108013

CAPÍTULO 4..... 47

EDUCAÇÃO EM MEIO A PANDEMIA

Ivaldo Fernandes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.1612108014

CAPÍTULO 5..... 53

FÍSICA E CULTURA CIENTÍFICA MODERNA E CONTEMPORÂNEA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM MEIO À PANDEMIA CAUSADA PELO CORONAVÍRUS

Alencar Migliavacca

Alison Vortmann dos Santos

Camila Gasparin

Wiliam Patrick Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.1612108015

CAPÍTULO 6..... 62

(RE)PENSAR A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ana Margarida Alves Ferreira

Ana Raquel Rodrigues da Costa Aguiar

Joana Maria Guimarães de Oliveira

Maria de Fátima Pereira Sousa Lima Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.1612108016

CAPÍTULO 7..... 74

**A PRODUÇÃO DE DIÁRIOS DE CAMPO EM UM CURSO TÉCNICO AGROPECUÁRIO:
UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO ISD**

Valdeni Venceslau Bevenuto

DOI 10.22533/at.ed.1612108017

II. OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

CAPÍTULO 8..... 90

**EDUCAÇÃO INFANTIL E AULAS REMOTAS: DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR NA
PANDEMIA**

Camila Incau

Elaine Cristina Ferreira de Oliveira

Sirlei Aparecida dos Santos

Sandra Mara Rogeri Jacomin

DOI 10.22533/at.ed.1612108018

CAPÍTULO 9..... 99

**A INCLUSÃO DO EDUCANDO AUTISTA EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO: UTOPIA
OU REALIDADE?**

Maria José Gontijo Borges

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.1612108019

CAPÍTULO 10..... 111

**ESCOLA PÚBLICA E OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EM CONTEXTO DE
PANDEMIA: DESVELANDO DIFICULDADES DA COMUNIDADE ESCOLAR**

Regina Zanella Penteadó

Eduardo Alessandro Soares

Paulo Sergio da Silva Neris

DOI 10.22533/at.ed.16121080110

CAPÍTULO 11 122

USO REMOTO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICA

Rafael de Jesus Pinheiro Privado

Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo

DOI 10.22533/at.ed.16121080111

CAPÍTULO 12..... 134

**MONITORIA REMOTA DE AUDIOLOGIA DURANTE O DISTANCIAMENTO SOCIAL
PARA CONTROLE DA PANDEMIA DE COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Rebeca Mota Cabral e Silva

Carla Aparecida de Vasconcelos

Luciana Macedo de Resende

Patrícia Cotta Mancini

III. OS EFEITOS DO CONTEXTO PANDÊMICO NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS

CAPÍTULO 13..... 141

PRÁXIS PEDAGÓGICA E CIBERFORMAÇÃO DOCENTE EM TEMPO DE COVID-19:
PERSPECTIVAS E DESDOBRAMENTOS PEDAGÓGICO-CIENTÍFICOS

Úrsula Cunha Anecleto
Ediluzia Pastor da Silva
Luciana Oliveira Lago

DOI 10.22533/at.ed.16121080113

CAPÍTULO 14..... 156

OS EFEITOS DO DISTANCIAMENTO SOCIAL EM CONTEXTO DE PANDEMIA
(COVID-19) NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA EM PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO: UMA VISÃO VYGOTSKYANA

Rita Celiane Alves Feitosa
Sandra Alexandre dos Santos
Veronica Nogueira do Nascimento
Janete de Souza Bezerra
Gécica Coelho do Nascimento Oliveira
Micaele Rodrigues Feitosa Melo
Gracione Batista Carneiro Almeida
Maria Daiane de Oliveira Lima

DOI 10.22533/at.ed.16121080114

CAPÍTULO 15..... 166

O COVID 19 NAS REDES SOCIAIS: ANÁLISE DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA SOBRE
VÍRUS NUMA PERSPECTIVA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, SOCIEDADE E AMBIENTE
(CTSA) A PARTIR DO CONTEXTO PANDÊMICO

Camila Oliveira Lourenço
Antonio Fernandes Nascimento Junior

DOI 10.22533/at.ed.16121080115

CAPÍTULO 16..... 174

A GESTÃO ESCOLAR EM CONFRONTO COM A MORTE E O LUTO EM TEMPOS DE
CORONAVÍRUS

Gleucimar Romana Faria
Francisco Assis de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.16121080116

SOBRE A ORGANIZADORA..... 185

ÍNDICE REMISSIVO..... 186

CAPÍTULO 11

USO REMOTO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICA

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 04/11/2020

Rafael de Jesus Pinheiro Privado

Universidade Federal do Maranhão-UFMA
São Luís-Maranhão/Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-9327-0346>

Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo

Universidade Federal do Maranhão-UFMA
São Luís-Maranhão/Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-6183-7056>

RESUMO: Reflete-se sobre o uso das tecnologias na educação escolar e acadêmica em tempos de pandemia da COVID-19 e de qual forma está sendo feito o enfrentamento a essa situação de anormalidade que afasta a todos da sala de aula e, após algum tempo, exige que se retomem as atividades de forma remota mesmo sabendo das implicações que tal modalidade de ensino e aprendizagem acarreta e o que isso exige dos alunos e professores, os quais não estão habilitados a conviverem com tais mudanças no contexto escolar e acadêmico. Utiliza-se a vivência acadêmica e a observação dos comportamentos dos nossos pares para discutir teoricamente sobre os avanços tecnológicos e a necessidade de continuar o processo educativo, mesmo diante de um novo normal que se avizinha de todos os alunos e alunas da escola básica e da universidade. Conclui-se que iniciativas férteis de alguns países demonstram que estão à frente de nossa realidade e podem se tornar modelos,

mas não podem ser copiados, considerando-se a diferença entre as realidades.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Tecnologias; Professores; Escola; Universidade.

THE USE OF REMOTE TECHNOLOGY IN ACADEMIC AND SCHOOL EDUCATION

ABSTRACT: It reflects on the use of technologies in school and academic education in times of the pandemic of COVID 19 and how is the coping with this situation of abnormality being taken away from everyone in the classroom and after some time demands that activities are resumed remotely even though they know the implications that such a teaching and learning modality entails and requires students and teachers who are not qualified to live with such changes in the school and academic context. Academic experience and observation of the behaviors of our peers are used to discuss theoretically about technological advances and the need to continue the educational process even in the face of a new normal that is approaching all students of elementary school and university . It is concluded that fertile initiatives in some countries demonstrate that they are ahead of our reality and can exemplify but cannot be copied, so we need to build our models through challenges that are set.

KEYWORDS: Education; Technolages ; Teachers; School; University.

1 | INTRODUÇÃO

O século XXI tem se caracterizado por mudanças contínuas, deixando evidente que

o ser humano precisa responder a esse novo contexto, com capacidade de adaptação para acompanhar esse movimento, uma vez que o mundo passa a exigir habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas, comunicação, colaboração, criatividade e inovação.

Enquanto a educação escolarizada evoluiu de forma diferenciada, caminhando lentamente apegada aos modelos de uma escola tradicional, exigente e excludente, por outro lado, entre todas as tecnologias criadas pelos seres humanos, as tecnologias da informação e comunicação – TIC - afetam praticamente todos os âmbitos da atividade humana, desde as práticas de organização social, até o modo de compreender o mundo, de organizar essa compreensão e de transmiti-las para outras pessoas.

As TIC têm sido, em suas diferentes fases de desenvolvimento, instrumentos para pensar, aprender, conhecer, representar e transmitir para outras pessoas e para outras gerações os conhecimentos adquiridos (Coll & Martí, 2001) e repousam sobre o princípio de sistemas de signos orais, escritos, imagéticos, estáticos e/ou em movimento para representar uma informação e transmiti-la, diferindo profundamente quanto às possibilidades e limitações da escola tradicional para disseminar a informação, e essa diferença tem, por sua vez, implicações do ponto de vista educacional.

No momento atual, podemos inferir que devido à crise provocada pela pandemia do coronavírus, existe uma razão bastante significativa para voltarmos nossos olhos para os nossos próprios desafios, pois a Covid-19 nos exigiu uma tomada de posição a respeito do uso das TIC no contexto atual quando exige o distanciamento social para combater a propagação do vírus e garantir a saúde de todos os habitantes do planeta Terra.

Assim, o uso das TIC, seja na modalidade presencial e/ou a distancia se entrelaçam desafiando a sociedade científica e tecnológica, estabelecendo proposições para orientar os educadores em contexto de anormalidade mediados por tecnologias.

Conforme Saviani (1987, p. 16),

O avanço tecnológico permitiu o acesso rápido a inúmeras informações no espaço temporal e geográfico a partir da dispersão da rede global de computadores, Internet, concedendo comunicação em tempo real, com qualquer parte do país ou do planeta, excitando as diferentes organizações do mundo do trabalho e atuando nos procedimentos de ensino do(a)s professore(a)s, que são reiteradamente desafiado(a)s a aprenderem a ensinar por meio de dispositivos tecnológicos.

Assim sendo, não se pode negar a importância das TIC no dia a dia dos(as) docentes e discentes seja em seus lares e/ou em outros locais sociais, e o seu uso decorre à revelia da vontade individual. Tal contextualização tem requerido que professores(as) e alunos(as) de todos os níveis de ensino que façam uso dessas tecnologias, em um formato totalmente diferente do que ocorre na presença de ambos no interior de uma sala de aula.

No entanto, algo muito importante permanece inalterado em vários lugares do Brasil

e do mundo: a escola. Embora tudo esteja em mudança, a atividade escolar continuou igual em sala de aula. Nesse viés, será preciso que se tenha claro o objetivo de preparar crianças e adolescentes para a vida, contribuindo para seu desenvolvimento integral.

Isso significa oferecer oportunidades para que se fortaleçam não só nas competências básicas, aquelas também conhecidas como intelectuais, mas também nas competências para o século XXI, que exige pensamento crítico, resolução de problemas, comunicação, colaboração, criatividade e inovação.

Competência, para Perrenoud (2000), é a capacidade de aplicar os resultados da aprendizagem em um determinado contexto, como na educação, vida pessoal, nas relações sociais e no desenvolvimento profissional, não se limitando aos elementos cognitivos, como uso da teoria, conceitos ou conhecimento tácito que cada pessoa adquire na vida, mas também abrangendo aspectos funcionais, a exemplo das competências técnicas e atributos interpessoais, que incluem habilidades sociais ou organizacionais, e valores éticos.

A busca por respostas para perguntas sobre modelos de educação escolar que melhor funcionem surgem a partir de discussões férteis e diferenciadas nas esferas pública e privada em nosso país, mas, por si só, não tem sido bem sucedida em nossa realidade, pois sempre existe uma conjugação de fatores que devem ser equacionados.

Portanto, para programar novos processos e traçar estratégias visando a garantir a eficácia do aprendizado escolar ou acadêmico, tais como o engajamento dos alunos e o desenvolvimento pleno de seu potencial, torna-se essencial observar e refletir sobre experiências de instituições e de educadores distintos para realizar o necessário questionamento sobre possibilidades e modelos que melhor dialoguem com a nossa realidade.

É nesse sentido que caminhamos para desenvolver esse artigo científico utilizando a experiência vivenciada nos corredores acadêmicos e observando no comportamento e falares de nossos colegas universitários especialmente quando tais experiências são vivenciadas com seus dilemas e contradições.

Buscamos numa proposição qualitativa conhecer o que pensam nossos colegas de curso sobre os modelos de ensino e aprendizagem que temos na universidade, seja o tradicional/presencial/bancário, de sala de aula, contrapondo-se ao modelo da aprendizagem móvel, graças à interligação dos computadores digitais e a internet, caracterizada, do ponto de vista das TIC, pela possibilidade das pessoas compartilharem qualquer informação, de maneira instantânea, de qualquer lugar e na forma preferida, por baixo custo.

2 | NOVAS POSSIBILIDADES DE ENSINAR E APRENDER NO SÉC. XXI

Segundo dados recentes divulgados pela Unesco (2020), 61,6% dos estudantes do mundo estão afetados pelo fechamento das escolas, representando aproximadamente 1,08 bilhões de estudantes em 116 países que, nesse momento, estão com suas escolas

fechadas. O Brasil tem hoje cerca de 50 milhões de alunos matriculados em instituições públicas e particulares de Ensino Básico e, de acordo com o censo(ANO), 8.033.574 alunos estão matriculados no ensino superior em 33 mil cursos de graduação de 2.364 instituições de ensino superior.

Durante toda a vida escolar até o ingresso na universidade, a tarefa dessas crianças, adolescentes e jovens é incorporar habilidades cada vez mais relevantes para agirem e se colocarem no século XXI quais sejam: autonomia, tolerância, empreendedorismo, cidadania, espírito crítico e colaborativo, responsabilidade, protagonismo e criatividade (Tori, 2010).

A amplitude e a abrangência desse desafio crescem quando defrontadas com o cenário atual, que aponta para um contingente desses jovens deixarem a escola sem sequer terem conseguido um aprendizado adequado de disciplinas e conteúdos de base, como matemática e língua portuguesa. Por maior que seja o papel da escola, dos alunos e das famílias, a necessidade de uma educação de qualidade e alinhada com as transformações da sociedade ganha cada vez mais relevância diante do cenário em que vivemos e que se anuncia no futuro.

O mundo se transformou, a sociedade mudou, a forma como nos comunicamos, nos relacionamos, consumimos, aprendemos, produzimos e agimos nas situações, das mais simples às mais complexas, da vida particular e profissional, tudo isso foi profundamente modificado pela tecnologia. Diante disso, a escola precisa explorar muito mais as possibilidades que a tecnologia, a vida digital e a conectividade que oferecem e, não somente se alinhar a seu tempo, mas mobilizar as gerações sob sua responsabilidade.

Para Coll (2010), a evolução tecnológica é sempre mais acelerada do que a capacidade de qualquer setor educacional de assimilar mudanças, e isso se dá por conta da lentidão que as mudanças se operam na escola, sem querer imputar a esta falhas ou excesso de preciosismo dos tomadores de decisão da escola, mas as consequências dessa diferença são cobradas a cada um de nós, em cada escola, em cada sala de aula.

Usando as palavras de Émile Durkheim (1998), há dois paradigmas clássicos para definir as finalidades de um sistema educacional: um é adaptativo, o outro, transformador. No primeiro deles, os objetivos da educação se define com base nas necessidades da sociedade, do mercado, da religião, da nação ou da cultura em vigor.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular (DURKHEIM, 1998, p.23).

O modelo de sistema educacional adaptativo funciona bem se aquilo a que se deve adaptar estiver consolidado. Nesse contexto, a escola seria uma máquina de imitação cultural estável, um sistema centralizado, projetado para ordenar grandes grupos de

pessoas. Embora cada país desenvolva as próprias tradições na organização de seus sistemas, essa característica homogênea foi compartilhada e prolongada pelas leis de escolaridade obrigatória que emergiram no século XIX.

Hoje, os sistemas educacionais se adaptam à instabilidade e à mudança permanente, antes eram bons reprodutores de estabilidades nos sistemas de crenças religiosas, nas identidades nacionais, na tradução do saber científico para o mundo infantil, nas rotinas de trabalho do modelo industrial.

Para essa versão de escola, no entanto, são necessárias duas coisas: que as pessoas sejam preparadas para responder às demandas de seu entorno e que consigam reelaborar essas demandas em função de valores de superação que elas mesmas possam, com liberdade, construir. Há outro elemento a considerar nesse debate curricular básico: as demandas do mercado de trabalho dos próximos anos. O contexto futuro exige mais emancipação cognitiva do que o da sociedade industrial clássica.

No lugar do cumprimento de horários, repetição mecânica da rotina, cumprimento, ordens e impor atividades alienadas em série, hoje se exige pensamento crítico e criativo, colaboração, iniciativa e cargas metacognitivas para realizar tarefas não rotineiras e aprendizagem constante. Para Coll & Momereo (2010),

Essas demandas nos permitem redefinir o currículo sem a necessidade de recorrer, como no passado, à polarização entre educação adaptativa e transformadora. Isso não impede a existência de múltiplas definições curriculares que possam habilitar a pensar e agir de diferentes maneiras na sociedade. O currículo é um instrumento político. Hoje, porém, é possível construir uma base comum mais ampla que facilite o consenso sobre aquilo que vale a pena ensinar e aprender (COOL & MONEREO, 2010, p.25).

Essa reflexão deixa clara a necessidade de uma aprendizagem que se dá ao longo da vida, conceito que a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) define como aquela “[...] realizada por toda pessoa desde o nascimento até a morte, em qualquer idade, em âmbitos formais, não formais e informais de aprendizagem [...]”, que se impõe cada vez mais.

Para Dellors (2000), aprender a aprender, dentro e fora da escola, é uma tarefa que cada ser humano terá de realizar para o resto da vida. Embora esse processo comece muito cedo, no âmbito familiar, cabe à escola grande parte da responsabilidade de ensinar a aprender e estimular a busca pelo conhecimento cada vez mais acessível.

Bonilla & Pretto (2011) destacam que essa reconfiguração dos espaços presenciais e virtuais, do alcance e das possibilidades de aprendizagem, representa um desafio para a escola, para a família e para os alunos inseridos em um novo contexto no qual o aprender deixa de ser e estar organizado ao redor de um modelo institucional estável e pode se dar a qualquer tempo e em qualquer lugar.

O desafio que se impõe na esfera da Educação afeta a todos que buscam encontrar

caminhos para uma participação ativa na construção do futuro. No âmbito da escola, grande parte dele se concentra no questionamento e na alteração de papéis e dinâmicas arraigadas, não só nas propostas pedagógicas, mas também em relação a espaço, organização, hierarquia, relacionamento com pais e alunos, sua práxis (Livro Branco, 1995).

Conforme Kenski destaca em seu livro *Tecnologias e tempo docente* (2015, p.35),

A revolução tecnológica que, desde o final do século XX, vem transformando as comunicações, o setor bancário, o de serviços, além dos padrões de consumo e de comportamento das últimas duas gerações, teve pouco impacto no âmbito educacional, tanto que a maior parte das crianças e jovens continua aprendendo da mesma forma que muitas décadas atrás, desenvolvendo habilidades e competências que não exatamente as prepararam para o mundo tecnológico, conectado, complexo, digital e imprevisível em que vivemos com todas as potencialidades que ele desencadeia.

Ainda assim, a escola continua e continuará a desempenhar um papel fundamental de formação humana impulsionando a aprendizagem e a educação em geral, nesse sentido a pergunta a se fazer é: Como se encontra o ensino e aprendizagem diante desse novo momento? Como você tem reagido à dificuldade de se inserir no mundo atual e de incorporar em suas práticas as tendências que definem a educação moderna, como, por exemplo, ser tecnológica, divertida, personalizada, relevante e colaborativa?

Enquanto se vê a explosão da informática em todos os ramos do conhecimento humano, inclusive no setor educacional, o grande desafio para a educação é utilizar as tecnologias, sob o risco de se tornar invisível para a sociedade, as tecnologias devem ser exploradas para servir como meios de construção do conhecimento, e não somente para a sua difusão.

Ao discorrer sobre os Sete saberes necessários à Educação no futuro (1997), o filósofo francês Edgar Morin afirmou que todo conhecimento comporta o risco do erro ou ilusão, colocando a máxima como o primeiro saber essencial.

Como o conhecimento nunca é um reflexo ou espelho da realidade, mas antes uma tradução, seguida de uma reconstrução, estar aberto a um questionamento sobre suas próprias certezas é um desafio que cada um de nós deveria se impor, aconselha Morin, em meio a reflexões profundas sobre Educação que o olhar crítico e desconfiado para as próprias crenças é fundamental. É talvez a melhor estratégia para nos mantermos sempre permeáveis a outras linhas de pensamento e a abordagens capazes de enriquecer o universo e amplificar nossa visão.

Hoje, e cada vez mais, os educadores são atores, sujeitos que interpretam o sistema e tomam decisões que dizem respeito ao currículo e à pedagogia, ou seja, eles têm maior esfera de autonomia relativa. Essa capacidade de interferência pode gerar ansiedade e sensação de impotência. Como se decide o que ensinar?

Devemos simplesmente nos ater ao currículo em vigor ou modificá-lo, interpretá-lo, editá-lo? Essas indagações exigem uma referência, uma visão de futuro. Nossa proposta

inicial foi refletir sobre a incerteza da autonomia e do poder de atuar nos processos de mudança. As narrativas nos fornecem palavras para agrupar os fragmentos. Conforme Bruner (2013), os relatos são a porta de entrada para a cultura, pois constroem sentido sobre aquilo que nos escapa das mãos e proporcionam um fio condutor para a tomada de decisões.

Hans Gadamer (1994) aponta que a indagação nos tira da caverna porque abre a possibilidade do conhecimento. A arte de perguntar é a arte de refletir e dialogar. Não é de estranhar que algumas das propostas pedagógicas mais disruptivas do momento, como a das Redes de Tutoria, do México, baseiem-se no desenvolvimento da arte da pergunta nos estudantes e em seus professores (ELMORE, 2016).

Um livro recente apresenta essa mesma visão já em seu título: *Make just one change: teach students to ask their own questions* (ROTHSTEIN; SANTANA, 2011), em português, “*Faça apenas uma mudança: ensine os estudantes a fazer suas próprias perguntas*”. Os autores oferecem um arcabouço para projetar, motivar e avaliar boas perguntas dos discentes. Sua principal argumentação é que fazer boas perguntas não é algo que sai dos discentes de modo espontâneo, e sim uma destreza que os professores podem aprender a ensinar.

Outros autores clássicos das correntes da aprendizagem centrada no pensamento enumeram as perguntas que norteiam a tomada de decisões pelos discentes (SWARTZ *et al.*, 2013): O que torna necessário tomar uma decisão? Que opções tenho? Quais são as consequências possíveis de cada opção? Qual a importância dessas consequências? Qual é a melhor opção diante dessas consequências? introduzir a pergunta na sala de aula é criar na escola uma ordem democrática e argumentativa, que possibilita projetar o futuro. A pergunta, diferentemente da resposta padronizada que deve ser adivinhada/memorizada/repetida, fomenta o pensamento antecipatório. Quando alguém faz boas perguntas, abre futuros diversos, age sobre o possível, cenários são construídos, os desígnios e a formação dos destinos.

Não saber perguntar, por ausência de imaginação, conhecimento ou coragem, é condenar-se ao costumeiro. A pedagogia da pergunta, claro, não reflete uma oposição à Pedagogia da resposta. A pergunta interage com a resposta, assim como o pensamento lógico e o lateral, de acordo com a definição clássica de De Bono (1993). O pensamento lateral reestrutura o pensamento lógico e possibilita a criatividade, porém os dois sempre funcionam em conjunto. As perguntas tornam as respostas mais necessárias: não as evitam, porém as buscam, alimentam-se de campos do conhecimento para ramificar-se, aprofundar-se, ganhar vida no pensamento dos discentes.

De acordo com John Dewey (1997), as pessoas não foram feitas para aprender sem relevância. O problema é que a escola tradicional ensina de acordo com o interesse em que não me aconteça algo ruim. Os alunos interiorizaram o temor ao fiasco, à exclusão de seu grupo de pares, aos castigos nas escolas e em casa, e aprenderam com base nesse pavor.

3 I ENSINO REMOTO NO CENÁRIO DA PANDEMIA

Nesse subcapítulo ponderamos sobre as circunstâncias de acesso das famílias brasileiras a computadores e à internet: “em 79,9% dos lares já há acesso à internet, apesar de 35,7% destes não possuírem esgoto” (IBGE, 2018). Compreendendo que o acesso à internet é o componente primordial para as soluções paliativas aos impasses educacionais acarretados pela pandemia, muitas instituições passam a obter chips ou prover subsídio internet para aqueles que ainda não a dispõem. No entanto, fica o questionamento: neste país que se quer o saneamento primário chegou a todas as residências, quais são os olhares para a instrução virtual?

Um mundo novo desdobra-se em um vertiginoso processo de globalização. É uma sociedade notadamente dinâmica, instável e progressista, onde o constituinte imprescindível e fundamental é a mudança de paradigmas.

O contexto profissional da educação no mundo globalizado e informatizado acarreta a possibilidade de:

Testemunhar o desenvolvimento de uma capacidade até agora não imaginada de ampliar o intelecto humano. O homem tem uma capacidade singular de armazenar informação e utilizá-las para o seu progresso e bem estar. A tecnologia da sociedade de informação amplia esta capacidade humana, bem além de qualquer nível julgado possível a um quarto de século, colocando conhecimentos à disposição dos que necessitam, quando necessitam e onde quer que estejam (Rankine, 1987, p.292).

A tecnologia não é uma solução para a restauração do ensino, mas ela pode ser um estimulante significativo para a mudança no ensino e uma ferramenta para sustentar a indagação, colaboração e comunicação dos alunos. Esse discente não mais consente em o professor ser o dono da verdade, isto é, o único recipiente do saber. A indagação nos leva àquele aluno que a partir de pesquisas, aumenta seu leque de informações, compõe o seu conhecimento, isto é, estrutura seu próprio conhecimento.

A versatilidade de novas tecnologias, com o crescimento do conhecimento sobre os processos cognitivos, sobre a comunicação humana e a comunicação homem-máquina, e a facilidade atual de acesso a informação, estão abrindo inúmeras possibilidades para a educação.

Sendo assim, é necessário, portanto, uma nova postura para o grande desafio educacional do presente e posteriormente visando o futuro, baseado na tecnologia, que representa um processo interativo centrado no aluno. Para que isso aconteça é necessária a mudança de todos os constituintes básicos do processo: professor, aluno e conteúdo, “a escola não deve temer nem subestimar o seu diálogo com os meios de comunicação e o uso das novas tecnologias”, “não vejo os meios de comunicação como instrutores, quero pensá-los como produtores do conhecimento” nos afirma Citelli (2000, p.7).

Para Cortelazzo (1996),

Perante as inovações, os professores apresentam duas sensações: um que é a de incorporar as novas tecnologias ao seu dia-a-dia e outro que é a insegurança, o medo, gerados pela falta de preparo para trabalhar com elas. É necessário apropriar-se da tecnologia na educação para “provocar uma reflexão crítica e questionadora em relação à busca e elaboração da informação articulada à produção social da vida individual e coletiva” professores sabem que precisam mudar, mas não sabem como, gerando angústia, e em particular eles, têm de acompanhar a mudança do mundo. (Cortelazzo, 1996, p.20).

Cabe à escola, então, preocupar-se em atender a esta desafiadora evolução da informática, essa nova tecnologia. A escola deve e precisa mudar continuamente para ajustar-se à sociedade na qual está inserida. Como a tecnologia da informação é atualmente a força direcionadora da nova economia e cultura, faz-se necessário que ela seja incorporada aos currículos, através de uma forma bem significativa.

Os docentes sabem que a educação escolarizada mudou bastante e a maneira como os discentes são instruídos, os tipos de habilidades obtidos em sala de aula, atualmente, são bem distintos da metodologia e do currículo de anos atrás. A preocupação maior, porém, deve ser de como a tecnologia se integra à estrutura curricular e instrucional de uma maneira enfática como ratifica os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2000).

Se o alcance à internet se apresenta relevante na população, o formato como se oferece este ingresso conserva entraves, pois muitos discentes conectam-se simplesmente por meio do telefone móvel. Em algumas situações, dispositivos que pertencem a componentes da família, isto é, fazem uso partilhado do aparelho.

Colegas nossos dizem não dispor de um aparelho celular e se o tem não é um aparelho dos mais modernos, ou em seu domicílio não há conexão de internet para possibilitar o acesso às informações, esses e outros problemas impedem o ensino remoto proposto nesse momento, restando-nos perguntar: o que fazer diante desses impasses? Como acompanhar as aulas remotas? E, se não for possível acompanhar, que outras possibilidades podem ser acessadas?

Esses e outros questionamentos nos levam a ponderar sobre as dificuldades do ensino remoto em nossa realidade, seja na universidade, seja na educação básica. Tal iniciativa, senão a única, é louvável, mas sofre implicações a médio e curto prazo: Quantos alunos acompanharão essas aulas? Quantos se desestimularão e abandonarão os estudos? Tal situação já foi vivenciada na África quando da epidemia do Ebola e levou um grande percentual de alunos à evasão escolar. Não esperemos que isso ocorra em nosso país, vamos investir na educação escolarizada e nos esforçar na inclusão digital junto aos nossos alunos, esse é o paradigma emergente.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que até os domicílios mais privilegiados enfrentam, por vezes, falhas

de conectividade e suspensão dos serviços que estão, neste momento, em atividade remota. Dessa forma, o que almejar daqueles que lidam com pacotes de dados de internet pré-pagos com limites de acesso a internet?

Ademais, o problema é merecedor de reflexão no que corresponde ao domínio de equipamentos digitais entre os educandos e a autonomia para os estudos de configuração remota. Significará que todos somos capazes de assimilar no autodidatismo? De fato, temos uma geração que cresceu conectada e atuante nas plataformas digitais, porém isso não pode ser generalizável à realidade dos estudantes deste país de dimensão continental.

Essas considerações pensar nas singularidades de cada nível e modelo de ensino, nos estudantes dos subúrbios e zonas rurais. Há que se refletir, igualmente, sobre estudantes com deficiência, ou com qualquer condição restritiva de aprendizado, que carecem de planos educacionais individualizados, ajustes curriculares e conteúdos disponíveis.

O ponto central para o corpo docente e gestores pedagógicos deverá ser reconduzir-se sobre a reintegração das tarefas letivas, que com certeza não se ofertará sob um indício de normalidade, acarretando uma sequência de ajustes, intervenções de acolhimento e procedimentos pedagógicos variados para garantir este íterim de distanciamento.

Na volta, quiçá, caiba a aplicação de meios de recuperação que excedam a sala de aula, como a execução de programas integradores, estudos coordenados e até alguma atividade mediada por tecnologias, porém com as estruturas das escolas disponíveis e a oportunidade de acompanhamento docente.

Por ora, é possível valha mais um momento de interrupção e recolhimento, salientado na precaução familiar, preservação da saúde física e mental de nossos discentes e trabalhadores da educação, dando condições para a reestruturação social e restauração da regularidade sanitária e econômica, do que criar um novo problema para além dos já existentes, aprofundando as desigualdades. Educação remota não é solução, mas é política de redução de danos e deve ser considerada. A tecnologia deve ser considerada meio e não fim, e em nada substitui o professor, a vivência social e o ambiente de desenvolvimento individual e coletivo proporcionado pelas instituições de ensino.

Nos questionamentos feitos aos colegas acadêmicos procuramos saber deles: possuem aparatos tecnológicos compatíveis com as demandas virtuais atuais, capazes de ajuda-los nas atividades remotas que estão sendo exigidas no momento atual? Como se encontra o ensino e aprendizagem diante desse novo momento? Como tem reagido à dificuldade de se inserir no mundo atual e de incorporar em suas práticas as tendências que definem a educação moderna, como, por exemplo, ser tecnológica, divertida, personalizada, relevante e colaborativa?

Em suma, não obtivemos respostas para essa atividade, que além de funcionar como uma ferramenta educacional inovadora, tendo em vista que, para enfrentar os desafios de uma era em que os alunos têm acesso ilimitado à informação através de seus artefatos digitais (celulares, tablets, smartphones...), bem como a diferente realidade socioeconômica

de milhões de famílias brasileiras, nada está bem alinhado nesse contexto.

À vista disso, o avanço tecnológico assistido nos últimos decênios do século XX e início do século XXI tenha produzido objetos que, além de serem veículos de informação e de comunicação, são recursos que proporcionaram novas formas de relações sociais, estas também são capazes de acarretar alterações na consciência individual, na percepção de mundo, na construção de novos conhecimentos, nos valores e nas formas de atuação social, e nenhum desses objetos possui a capacidade de substituir a interação humana. Quiçá tenhamos um novo tempo!

REFERÊNCIAS

BONILLA, M.H.S., and PRETTO, N.D.L., orgs. **Inclusão digital: polêmica contemporânea** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, 188p. ISBN 978-85-232-1206-3. Available from SciELO Books<<http://books.scielo.org>>.

Bruner, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

CHWARTZ, Christian. **Janelas Para o Futuro. Veja Vida Digital**, São Paulo, ano 32, p.32, dez. 2013. (Parte Integrante da Veja)

CITELLI, A. Comunicação e Educação. **A linguagem em movimento**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

COLL, C., & MONEREO, C. **Psicologia da Educação Virtual: Aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação** (pp. 9-14). (N. Freitas, Trad.). Porto Alegre: Artmed. 2010.

CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. **Prática pedagógica, aprendizagem e avaliação na educação a distancia**. Curitiba: Intersaberes, 1996.

DELORS, Jacques (org). **Educação: um tesouro a descobrir**. 6º ed. Brasília: Editora Cortez. DF: MEC: UNESCO, 2000.

DEWEY, J. **Democracy and education**. New York: Simon & Schuster, 1997.

GADAMER, Hans-Georg. **Mito y Razón**. Barcelona: Paidós, 1994.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas: Papyrus, 2013.

LIVRO BRANCO Comissão Europeia. **Sobre a educação e a formação: Ensinar e aprender — Rumo à sociedade cognitiva**. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeia, 1995.

MORIN, Edgard. **Sete saberes necessários a educação**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

PERRENOUD, Phillippe. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

RANKINE, L.J., **A emergente era da informação: Sem limites significativos**. Diálogo,16(3): 2-7, 1987.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação e política**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.

TORI, Romero. **Educação sem distancia** Editora SENAC , 2010.

VALENTE, José Antônio. “**Comunicação e a Educação baseada no uso das tecnologias digitais de informação e comunicação**”. Revista UNIFESO – Humanas e Sociais, Vol. 1, n. 1, 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 21, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 44, 47, 48, 52, 54, 57, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 90, 91, 93, 95, 97, 98, 103, 105, 106, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 122, 124, 126, 127, 128, 131, 132, 134, 139, 142, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172, 180, 181, 182

Audiologia 134, 136, 137, 138, 139

Aulas remotas 45, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 115, 130, 164

C

Ciberformação docente 141, 143, 144, 145, 155

Comunidade escolar 3, 32, 35, 51, 90, 94, 96, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118

Covid 19 1, 122, 166, 174, 175, 176, 179, 182

D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 7, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 34, 35, 50, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 64, 65, 67, 81, 83, 88, 90, 93, 94, 98, 108, 111, 114, 118, 119, 123, 124, 128, 129, 131, 135, 138, 145, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 179, 180, 181

Desenvolvimento cognitivo da criança 156, 158, 160, 161

Diários de campo 74, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

Distanciamento social 1, 2, 11, 30, 55, 75, 91, 100, 102, 112, 123, 134, 136, 139, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 164, 167, 168, 180

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 62, 65, 67, 68, 70, 71, 73, 75, 76, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 180, 182, 183, 184, 185

Educação à distância 1, 10, 15, 16, 17, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 37, 47, 134, 140

Educação básica 2, 9, 10, 15, 17, 20, 31, 35, 46, 48, 50, 90, 97, 103, 111, 113, 114, 119, 120, 130, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 158, 159, 160, 163, 164, 167, 171, 185

Educação online 141, 142, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152

Educando autista 99, 100, 102, 105, 107

Ensino 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 131, 134, 135, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 181, 185

Ensino não presencial 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40, 70

Ensino remoto 1, 30, 33, 35, 39, 44, 45, 46, 77, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 129, 130, 134, 135, 139, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163

Escola 1, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 21, 23, 29, 32, 33, 35, 36, 38, 42, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 56, 62, 64, 66, 67, 73, 74, 76, 77, 82, 85, 87, 90, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 144, 147, 149, 150, 151, 153, 160, 163, 165, 169, 172, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184

Espaço virtual coletivo 29, 31

Experiência 22, 30, 31, 34, 40, 49, 53, 54, 62, 70, 71, 100, 104, 105, 106, 114, 124, 134, 136, 147, 149

Extensão 53, 55, 61

F

Fonoaudiologia 134, 136, 137, 138

Formação de professores e educadores 62, 63

G

Gêneros de texto 74, 77, 78, 85, 86, 87, 88

Gestão 13, 34, 40, 65, 67, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 109, 113, 118, 152, 174, 175

I

Inclusão escolar 99, 102, 108, 109

L

Luto 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

M

Mal-estar docente 111, 117, 119

Morte 126, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

P

Palestras 37, 53, 57, 59, 60

Pandemia Covid-19 111

Participação escolar 90

Plataformas digitais 29, 34, 50, 92, 93, 131, 135, 152

Prática de ensino supervisionada 62, 64, 67, 69

Práticas pedagógicas 9, 29, 39, 40, 46, 64, 103, 108, 149, 167, 169, 172

Práxis pedagógica 141, 143, 145, 148, 154

Professores 2, 3, 4, 11, 12, 15, 17, 20, 25, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 128, 130, 136, 139, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 167, 169, 172, 179, 180, 181, 185

Programa Escola Cuiabana 1

Projeto 5, 12, 19, 20, 36, 45, 48, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 75, 136, 137, 138, 139, 146, 149, 163, 165, 183

Psicanálise 99, 100, 101, 105, 107, 110

R

Recursos educativos digitais 62, 64, 65, 71, 72, 73

Recursos tecnológicos 3, 7, 12, 34, 65, 93, 102, 114, 115, 116, 142, 166, 170, 172

T

Tecnologias 2, 9, 10, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 40, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 65, 66, 67, 71, 89, 94, 95, 97, 98, 102, 112, 122, 123, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 170, 172

TIC 16, 20, 21, 25, 123, 124, 139, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Trabalho docente 111, 112, 113, 116, 117, 121, 172

U

Universidade 14, 15, 20, 41, 58, 61, 72, 74, 76, 90, 98, 99, 106, 108, 109, 111, 122, 124, 125, 130, 134, 141, 156, 158, 166, 167, 172, 174, 185

V

Vygotsky 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

EDUCAÇÃO EM TEMPOS



DE PANDEMIA

E ISOLAMENTO:

PROPOSTAS E PRÁTICAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

EDUCAÇÃO EM TEMPOS



DE PANDEMIA

E ISOLAMENTO:

PROPOSTAS E PRÁTICAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 